



*The Theater of Disappearance*, 2017  
Kunsthhaus Bregenz, Bregenz  
Cortesia do artista, Marian Goodman Gallery, New York / Paris /  
London e Kurimanzutto, Ciudad de México  
Fotografia: Jörg Baumann

Regina Weinfeld Reiss\*  
Gabriela Levy\*\*

## Humano, demasiado humano

Fausto  
*Pois bem, quem és então?*

Mefistófeles  
*Sou parte da Energia  
Que sempre o Mal pretende e que o Bem  
sempre cria.*

Fausto  
*Com tal enigma, que se alega?*

Mefistófeles  
*O Gênio sou que sempre nega  
E com razão; tudo o que vem a ser  
É digno só de perecer;  
Seria pois melhor, nada vir a ser mais.  
Por isso, tudo a que chamais  
De destruição, pecado, o mal,  
Meu elemento é, integral  
Goethe*

\* Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

\*\* Asociación Psicoanalítica del Uruguay.

No magnífico poema épico de Goethe, (1749-1832), a imbricação inseparável e inevitável do Bem e do Mal expressa bela e claramente a própria condição humana.

Assim como Mefistófeles, o tema do Mal se apresenta cheio de malícia e sedução, difícil de ser capturado e definido.

Entendemos que a perspectiva moral, embora tentadora, não atende às inquietações de aproximação ao tema. A questão do Mal, tão cara à psicanálise, que se interessa pela constituição do psiquismo e suas expressões na vida social, está presente ao longo da obra freudiana. A teoria das pulsões sintetiza a luta constante entre vida e morte, entre a libido e a destrutividade.

Freud também entende que as forças de sublimação expressas pela curiosidade humana e capacidades criativas emergem da luta entre Eros e Tânatos. No texto *O mal-estar na civilização*, afirma:

(...) o sentido da evolução cultural já não é obscuro para nós. Ela nos apresenta a luta entre Eros e morte, instinto de vida e instinto de destruição, tal como se desenrola na espécie humana. Essa luta é o conteúdo essencial da vida, e por isso a evolução cultural pode ser designada, brevemente, como a luta vital da espécie humana (Freud, 1930/2010, p. 91).

Essas são as principais linhas que seguimos na montagem deste **Dossiê**.

O episódio bíblico da expulsão de Adão e Eva do Paraíso inaugura a representação simbólica arquetípica da condição humana. Após a transgressão, torna-se definitiva e continua a tarefa de distinguir o Bem do Mal. Diana Sperling utiliza essa imagem para justamente enfatizar a saída de um estado fusional em direção às percepções das diferenças – e portanto, “colocando a história em marcha”. Partindo do encontro entre Nietzsche e Spinoza, a autora nos leva pela mão, com extremo rigor conceitual, em direção à Hanna Arendt, Benjamim e Lévinas, situando a questão do Mal como uma categoria cultural e, portanto, dotada de historicidade.

Jacques Galinier nos transporta para os meandros da cultura Otomi, grupo indígena do México Oriental, evangelizado por franciscanos e agostinianos a partir do século XVI,

explicitando a resistência cultural de um sentido do Mal que evoca a própria identidade do grupo. “o mal (só) é tanto um componente indispensável da construção dos sujeitos, sejam eles humanos ou não”. O trabalho desafia nossa visão etnocêntrica e nos apresenta expressões imagéticas, semelhantes ao que Lévi-Strauss nomeou como *bricolage*.

José Garcez Ghirardi abre seu texto com uma fala de Riobaldo, personagem central de *Grande Sertão: Veredas*, romance de Guimarães Rosa: “Tem diabo nenhum”. O autor localiza a tensão condensada nesse personagem entre o “imperativo de negar o Maligno (tem diabo nenhum) e a impossibilidade de negar suas manifestações cotidianas (*o diabo na rua, no meio do redemunho*)”. Ghirardi percorre várias obras da literatura do século XX, ressaltando a esperança na via de simbolização poética, como saída possível de um labirinto aprisionante.

Finalmente, André Goldfeder nos conduz a um mergulho na obra de um dos artistas mais importantes na cena das artes plásticas contemporânea no Brasil: Nuno Ramos. O trabalho está centrado fundamentalmente em uma obra, mas a análise conceitual se amplia para outras expressões artísticas que buscam falar do “indizível”. A exposição *111* é uma reação de Nuno Ramos ao terrível Massacre do Carandiru, onde 111 detentos foram covardemente mortos pelas forças de segurança. Goldfeder destaca a ideia forte e impactante da voz. Nuno Ramos dá voz aos mortos. O autor diz: “As circunstâncias que tornaram pública essa voz pela primeira vez re-lançam as ideias de morte e apagamento, porém a partir de um lugar onde o próprio sentido da arte ameaça cair por terra”.

Esperamos que os leitores de *Calibán RLP* possam experimentar também esse desafio contido na fala do personagem que inspirou o batismo da revista. Calibán fala em uma língua ininteligível, mas busca desesperadamente ser ouvido.

### Referências

Freud, S. (2010). O mal-estar na civilização. In S. Freud, *O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936)*. São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1930)

Goethe, J.W. (2004). *Fausto: uma tragédia* - Primeira Parte. São Paulo: Editora 34. (Trabalho original publicado em 1808)